

3

Os autores e suas contribuições teóricas para a construção das estratégias metodológicas na pesquisa-intervenção

*Desconfiai do trivial,
Na aparência singelo
E examinai, sobretudo o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
Não aceite o que é de hábito
Como coisa natural
(Bertold Brecht)*

Este estudo, seguindo uma perspectiva teórico-metodológica orientada por Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin e David Buckingham, tem a pretensão de compreender as representações trazidas pela criança a partir de seu relacionamento com a televisão, limitado pelo recorte específico desta pesquisa. Considerar-se-á o contexto social e cultural mais amplo no qual essas questões estão inseridas. Nesta busca, daremos ênfase as seguintes questões: 1) O que a criança assiste na TV? 2) O que a criança tem a dizer sobre a programação que lhe é oferecida 3) Qual o papel da família no relacionamento das crianças com a televisão? 4) Que representações a criança nos traz sobre valores culturais de nossa sociedade como poder, globalização e papel da família?

Os principais conceitos destes autores que trazemos para buscar a compreensão das questões acima são hábito e atenção de Walter Benjamin, obra de arte e comunicação dialógica de Mikhail Bakhtin, e audiência infantil em David Buckingham.

Neste capítulo vamos nos dedicar, primeiramente, a refletir sobre estes conceitos e, em seqüência, estaremos apresentando o conceito de pesquisa-intervenção, explicitando o enfoque metodológico que seguimos no decorrer do trabalho de campo, ao analisar o material produzido por este.

3.1

Estorvando o hábito

Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar...

(Chico Buarque)

Há várias décadas, a televisão vem ocupando papel de destaque em nossas atividades cotidianas. Talvez exatamente por essa proximidade, exista em nós pesquisadores e no público em geral uma grande dificuldade em analisá-la com distanciamento crítico e, assim, discutir com profundidade seus efeitos.

Queremos compreender melhor variáveis que, por fazerem parte de nosso cotidiano de maneira tão definitiva, nos habituamos a olhar sem dar a devida atenção. Observar nosso cotidiano com estranhamento, buscar no corriqueiro a riqueza do novo, do inesperado, aquilo que, por saltar aos nossos olhos diariamente, já não vemos mais.

Como alcançar este estranhamento? Como estranhar a criança assistindo televisão? Como levar a criança a estranhar e olhar criticamente algo que faz parte de seu dia-a-dia, de seus sonhos, de seus desejos, de suas brincadeiras e de suas conversas? Este é o maior desafio desta pesquisa. Como nos trouxe Ludwig Wittgenstein: *“Queremos compreender algo que já esteja diante de nossos olhos. Pois parecemos, em algum sentido, não compreender isto.”* (Wittgenstein, 1975: 53)

As reflexões de Wittgenstein em suas “Investigações Filosóficas” nos indicam a dificuldade de ver com atenção aquilo que faz parte de nosso dia-a-dia, ou seja, aquilo que já está em nossa vida como um hábito. Da mesma forma, Walter Benjamin (1991) nos traz os conceitos de hábito e atenção, levando-nos a refletir sobre a importância de olhar com atenção aquilo que se faz habitualmente.

“Toda atenção deve desembocar no hábito se não pretende desmantelar o homem; todo hábito deve ser estorvado pela atenção se não pretende paralisar o homem”.
(Benjamin, 1991: 247)

Neste trabalho, buscamos um olhar crítico e atento que possa estorvar a acomodação trazida pelo hábito. É na interseção dos conceitos de hábito e atenção que pretendemos

colocar a relação da criança com a televisão. A televisão faz parte do cotidiano das crianças e assisti-la é um hábito que não pode ser excluído da infância contemporânea ocidental, mas através da metodologia denominada pesquisa-intervenção,¹ pretendemos provocar nas crianças atenção ao assistir televisão como forma de incentivar o pensamento crítico. Estaremos intervindo na relação da criança com a TV, na busca de um olhar atento, mesmo que diminuto, que permita modificar a postura de olhar a televisão sem questioná-la.

3.2

Dialogando com Bakhtin

A verdade não nasce nem se encontra na cabeça de um único homem; ela nasce entre os homens, que juntos a procuram no processo de sua comunicação dialógica.
(Bakhtin)

Bakhtin (2000) dedicou suas análises à literatura e obras de arte e não à produções para televisão². Todavia, entendemos que seus conceitos são atuais e imprescindíveis para a compreensão do universo televisivo e seus efeitos sobre a audiência. Ao encontrar as crianças, no início do trabalho de campo, já tínhamos em mente dois conceitos de Bakhtin que norteariam nossas interpretações de todo o material produzido, são eles: enunciados não existem isoladamente e, obra de arte é uma relação indissolúvel entre criador/obra/contemplador.

Respaldados por estes dois conceitos, entendemos que os enunciados televisivos não existem isoladamente. Nas vozes dos personagens de televisão ouvem-se as vozes dos produtores, dos personagens anteriores àquele que fala, e da audiência. Aqui, referimo-nos não ainda à audiência real, mas à audiência idealizada por aqueles que produziram o enunciado - audiência alvo, para a qual se direciona o programa produzido.

¹ A metodologia de pesquisa-intervenção será posteriormente definida neste mesmo capítulo no item 3.4.

² Produções para televisão, apesar de, muitas vezes, terem recursos técnicos e qualidade artística excepcionais, são produções culturais e não necessariamente obras de arte. Estamos apenas extrapolando as análises que Bakhtin efetuou para obras de arte e utilizando-as para compreender as produções culturais transmitidas pela televisão.

Os enunciados trazidos pelas crianças durante as oficinas também não foram interpretados isoladamente, pois, seguindo as diretrizes de Bakhtin, consideramos estes enunciados como constituídos histórica e socialmente. Assim, os enunciados, por mais monofônicos que se apresentassem, foram considerados como constituídos por outras vozes, por outros enunciados anteriores a eles, e constituídos já no aguardo de enunciados-resposta. Seguindo esta interpretação, pode-se dizer que um enunciado não começa ou termina em si mesmo, ou seja, um enunciado está sempre dialogando com outras vozes.

“Todo enunciado – desde a breve réplica (monolexemática) até o romance ou o tratado científico – comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como ato-resposta baseado em determinada compreensão)” (Bakhtin, 2000: 294)

Analisamos as produções audiovisuais contemporâneas para televisão, seguindo o conceito de que uma obra de arte é o reflexo da relação indissolúvel entre criador/obra/contemplador, entende-se aqui o texto televisivo como uma obra que existirá apenas na inter-relação dos produtores com o texto e com a audiência. Sem a compreensão desta relação não há como compreender o texto nem suas representações sociais e ideológicas, ou seja, seus efeitos sobre a audiência.

“Entretanto, o artístico na sua total integridade não se localiza nem no artefato nem nas psiques do criador e contemplador consideradas separadamente; ele conte, todos esses três fatores. O artístico é uma forma especial de inter-relação entre criador e contemplador fixada em uma obra de arte. Uma obra de arte vista do lado de fora desta comunicação e independente dela, é simplesmente um artefato físico ou um exercício lingüístico. Ela se torna arte apenas no processo de interação entre criador e contemplador, como o fator essencial nessa interação” (Bakhtin - Volochinov, 1976: 7)

Este pensador, com sua teoria de que sendo reflexo desta relação à obra de arte possui um caráter iminentemente social, nos dá a possibilidade de refletir também sobre as produções culturais transmitidas pela TV. Estas produções, apesar de não serem necessariamente obra de arte, podem ser compreendidas a partir das premissas traçadas por Bakhtin. O conteúdo televisivo possui caráter social interagindo com o meio extra artístico, social e ideológico. Desta forma, o social e o ideológico são influenciados e refletidos pelas produções culturais para TV, e da mesma forma estas produções não apenas refletem, mas são influenciadas pelo contexto à sua volta.

No caso das produções televisivas, a relação criador/contemplador/obra de arte torna-se ainda mais poderosa, em virtude da abrangência do veículo - número de pessoas que alcança e a quantidade de horas que estas produções entram maciçamente no cotidiano das pessoas. Substituindo-se criador por produtor, contemplador por audiência e obra de arte por conteúdo televisivo, temos a relação que vai definir o que é a audiência e o que é o texto televisivo, assunto este amplamente discutido no item 3.3 deste capítulo.

Foi a partir deste diálogo com Bakhtin que analisamos os enunciados televisivos, os enunciados dos produtores de televisão, e os enunciados das crianças (as co-autoras deste projeto), que, desta forma, estão sempre considerados dentro do momento sócio-histórico que vivemos.

3.3

Audiência Infantil: desconstruindo e redimensionando sua concepção

*O que você passaria na TV se você fosse a pessoa que escolhe os programas?
Ah! Eu podia escolher tudo? Não sei o que eu ia escolher, mas é isso o que vou querer ser quando crescer, o homem que escolhe tudo.
(Mateus, sete anos.)*

Como já mencionado anteriormente, utilizamos o conceito de audiência infantil trazido pelo pesquisador David Buckingham (2000). Atualmente, existem duas definições de audiência que se colocam de forma antagônica, são elas: a audiência infantil é passiva e incapaz de reagir criticamente aos enunciados trazidos pela programação televisiva; e a audiência infantil é capaz, crítica e exigente.

Primeiramente, vamos nos deter na audiência passiva: esta passividade seria proveniente da imaturidade psíquica das crianças que, por possuírem menos recursos para criticar ou recusar algo apresentado, seriam telespectadores mais vulneráveis. Esta linha de raciocínio é muito utilizada na área de psicologia, como pode-se perceber

em trabalhos de autoras como Liliane Luçart (1995) e Angelina Belli (1998), com as quais dialogamos a seguir.

Belli nos fala sobre a presença da televisão, que sempre satisfaz, não deixando espaço para a dúvida e a angústia, fatores básicos para a construção do eu. A falta deste espaço seria especialmente prejudicial para os indivíduos em processo de estruturação, já que estes estariam se formando dentro de uma lógica de realização de desejos, que levaria à alienação. Seguindo o mesmo raciocínio, a pesquisadora Liliane Luçart (1995) nos diz que, por sua fragilidade emocional e a sua susceptibilidade à sugestão, as crianças são telespectadores que deveriam ser protegidos. Na citação a seguir, da mesma autora, percebe-se o quão determinantes são os efeitos da presença da televisão para a criança: *“A televisão modela a criança desde o início da vida. Ela cativa o espírito de forma total, já que nenhuma experiência direta consegue contrariar seus efeitos, limitados unicamente pela intervenção dos adultos.”* (Luçart, 1995: 14)

Saindo da área de Psicologia temos Pier Paolo Pasolini (1990) que é enfático na dificuldade de se resistir e se responder à televisão. Segundo ele, a TV não admitiria resistência ou contestações, e isso se dá em virtude de seu estilo de nos fornecer não discursos, mas exemplos de modos de ser:

“Já vou adiantando que é enorme a importância pedagógica da televisão, porque ela também nada mais faz senão oferecer uma série de “exemplos” de modos de ser e de comportamento... a verdadeira linguagem da televisão é de fato semelhante à linguagem das coisas: é perfeitamente pragmática não admite réplicas, alternativas, resistência” (Pasolini, 1990: 127)

A outra definição, em geral utilizada pelos pesquisadores da área de mídia, é a de que esta mesma audiência seria capaz e exigente, fazendo com que produtores de mídia precisassem conceber e produzir programas a fim de satisfazer uma demanda exigente e volúvel. Para esta corrente, as crianças já estariam aptas a julgar o que vêem e mudar de canal - a maior das ameaças para quem produz televisão - quando algo não lhes agrada. As duas definições são úteis para servirem aos interesses dos adultos ao redor, mas a opção por uma delas pode levar a um raciocínio simplista.

É preciso, então, buscar novos caminhos para que se possa redimensionar a audiência infantil. Buckingham propõe, em suas discussões sobre metodologia, que ao se pesquisar audiência infantil procure-se desconstruir este conceito como algo pronto, que

existe autonomamente. Seja pela corrente que vê a audiência infantil como passiva e subordinada, constituída por crianças totalmente vulneráveis aos conceitos veiculados pela mídia, seja por aqueles que entendem a audiência infantil como crítica, demandante e com poder de decisão. Em termos metodológicos, ao optar por uma das correntes, existiria o risco de simplesmente substituir a idéia de criança incompetente por criança inatamente competente. Esta opção poderia nos levar a dois extremos e a uma visão simplista.

E como fazer para redimensionar a audiência infantil? Buscando novos caminhos para defini-la a partir da relação das crianças telespectadoras com o texto divulgado pela televisão. Ao analisar esta relação consideramos o contexto onde estas crianças estão, o que elas já sabem sobre mídia, qual a intervenção de seus pais no que se refere a assistir televisão e como é seu ambiente familiar. Assim, para se compreender a audiência infantil, precisaríamos também entender o que é o texto, ou seja, a narrativa televisiva, sempre considerada na interação com as crianças no contexto da família e da escola.

E como definimos o texto televisivo? É o enunciado televisivo: são as falas dos personagens e dos apresentadores, todo o contexto imagético e a entonação das falas, que situa os enunciados cronológica, histórica e socialmente.

E como foram produzidos estes enunciados que estão sendo transmitidos pela televisão sob o título de programação infantil? Foram constituídos pela interação entre legislação, autores e audiência. Desta forma, o texto televisivo não é uma obra fechada constituída por imagens e narrativa. É a interpretação, por produtores de televisão, da legislação que define o que pode ser veiculado para crianças, combinada com as respostas recebidas por estes profissionais de seus pares e das pesquisas de audiência e, hoje em dia, a resposta direta da audiência por sites, cartas e e-mails. No Brasil, onde a maioria dos programas infantis é produzida em outros países, os interesse comerciais das empresas exportadoras de programas e a legislação vigente nos países produtores também deve ser considerada nesta relação.

A partir das proposições de Buckingham de como proceder para analisar a televisão infantil e seus efeitos sobre a audiência, vamos desconstruir hipóteses vigentes sobre

audiência infantil, utilizando-nos de questões tais como: de que forma a televisão constrói a audiência infantil? Como as crianças definem a si mesmas e suas necessidades enquanto audiência?

A grande contribuição que Buckingham nos traz é a constatação da importância da interação entre a audiência e a narrativa televisiva, para se compreender a audiência. Esta constatação expande os horizontes da pesquisa e minimiza as possibilidades de uma análise simplista da questão da audiência. Para este autor, existe uma troca entre as partes – audiência e texto televisivo - sem que nenhuma das partes se sobreponha à outra. Os efeitos seriam determinados pela relação, sempre em construção, entre as partes ao longo do tempo.

O diálogo com este pesquisador é imprescindível para a compreensão de audiência infantil que pretendemos neste trabalho. Todavia, quanto a não atribuir destaque algum a qualquer das partes na relação, entendemos que pela força repetitiva da mídia - apresentando seus programas incansavelmente, diariamente ao longo de anos e anos, e atrelando seus personagens a produtos de consumo como brinquedos, roupas, material escolar e o que mais puder desejar a mente humana - a narrativa televisiva possui os meios para influenciar mais a audiência infantil do que esta com seus desejos afetá-la.

3.4

Pesquisa-intervenção: tecendo novos caminhos para a pesquisa com crianças e imagens

Como definimos esta metodologia de pesquisa denominada pesquisa-intervenção³? No contexto das pesquisas desenvolvidas no âmbito do GIPS, a pesquisa-intervenção caracteriza-se por uma concepção de produção de conhecimento compartilhada entre o pesquisador e seus interlocutores, onde os resultados são constantemente utilizados

³ O conceito pesquisa-intervenção vem sendo desenvolvido no âmbito do GIPS – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade, coordenado pela professora Solange Jobim e Souza no departamento de Psicologia na PUC- RIO.

como alimentadores do processo, o que define esta abordagem como tendo uma dimensão essencialmente educativa e transformadora. Esta estratégia metodológica pautada na perspectiva dialógica supõe a presença permanente da reflexão crítica que vai sendo incorporada durante o processo de investigação.

Trata-se, no contexto desta pesquisa, de um enfoque metodológico onde criança e pesquisador interagem como dois sujeitos com capacidade de influenciar não só o andamento da pesquisa, mas, também, as experiências cotidianas de ambos. O pesquisador não irá apenas ouvir o outro, mas provocar discussão, buscando uma reflexão de ambos sobre o tema. Existe nesta pesquisa a clara intenção de intervir, mudar o curso da relação da criança com a televisão. Esta intervenção ocorre a partir de uma postura facilitadora do pesquisador incentivando o pensamento crítico e a conscientização de que é possível refletir sobre a experiência cotidiana.

Utilizando este enfoque teórico-metodológico, a criança em nenhum momento será vista como objeto a ser pesquisado, mas sim como um sujeito dotado de um saber a ser reconhecido e legitimado dentro de seu grupo de pares e pelo adulto pesquisador. Nesta equipe formada pelas crianças e pela pesquisadora deve prevalecer a relação de alteridade, em que se pressupõe que todos, crianças e adultos, tem algo a dizer.

Como fazer para que o papel do adulto não se sobreponha ao da criança nesta relação dialógica? Esta não é uma questão simples e traz para a reflexão os grandes desafios que a pesquisa-intervenção representa para o pesquisador: como escutar o outro? Como perceber o conhecimento trazido pelo outro? Estas questões tornam-se ainda mais complexas se os interlocutores forem crianças, cidadãos que historicamente tem suas opiniões interpretadas como menos fidedignas que a dos adultos, cidadãos cujos discursos precisam ser confirmados pelo depoimento de um adulto para serem aceitos. O que procuramos fazer para dar à criança a possibilidade ser efetivamente ouvida? Procuramos não sobrevalorizar o conhecimento do adulto, tanto o adulto como a criança apresentam possibilidades de compreender as experiências que compartilham. Este entendimento já se faz presente em trabalhos como os de Castro e Jobim e Souza (1997).

Não podemos ignorar, no entanto, que o lugar social ocupado pela criança na sociedade deixa seus reflexos nos sentidos atribuídos por ela às suas experiências. Não só pelas naturais e conhecidas diferenças cognitivas⁴, mas, também, pelas diferentes relações que crianças e adultos estabelecem com os objetos e códigos da cultura. Exatamente nestas diferenças encontra-se o foco de interesse desta pesquisa. Buscamos ouvir a voz da criança e responder a partir da relação criança-adulto a questão: quais as representações da televisão que circulam no contexto cultural e subjetivamente entre a criança e o outro? Os sentidos atribuídos às imagens televisivas pelas crianças são diferentes daqueles atribuídos por adultos. São estes sentidos trazidos pelas crianças que estamos em busca de conhecer.

A pesquisa-intervenção com crianças tem como suporte o lúdico, considerando-o como atividade-meio e espaço propícios para a emergência da dialogia entre a criança e o pesquisador adulto. Entendemos ser através do lúdico que a criança torna-se capaz de expressar os significados que atribui às suas experiências sociais e culturais. Assim, a fantasia, as brincadeiras, as conversas espontâneas foram sempre valorizadas no decorrer na pesquisa. E foi através da análise das brincadeiras, desenhos e conversas infantis que buscamos perceber os significados atribuídos às experiências vividas nas relações com a família e com seus pares, permeadas por sua interação com a televisão.

O enfoque metodológico deste trabalho foi pesquisar a partir da interação com as crianças as experiências culturais e sociais advindas da convivência delas com a programação infantil, buscando as representações que o discurso televisivo traz para estas crianças.

A partir deste enfoque, entendemos que as crianças são sujeitos da pesquisa tanto quanto o adulto pesquisador. Assim, almeja-se, durante todo o percurso deste trabalho, desenvolver uma relação alteritária onde a voz destes sujeitos infantis seja ouvida e respeitada como a de um co-autor. A intenção aqui é criar um espaço para que estes co-autores tenham, efetivamente, sua voz considerada sobre um assunto que, teoricamente, é concebido com a intenção de ir ao encontro do desejo da audiência infantil Estes meninos e meninas, que convivem diariamente com a programação infantil da televisão, vão atribuindo sentidos àquilo que assistem, construindo representações

⁴ Não é intenção deste trabalho descrever o desenvolvimento cognitivo das crianças.

sociais a partir do que vêem e, especialmente, a partir das relações com seus pares e os adultos.

Como buscamos conhecer estes sentidos? Através da observação do discurso, das brincadeiras e desenhos de crianças, entre 5 e 7 anos, durante oficinas desenvolvidas dentro do espaço escolar. O que assiste, o que gosta, o que não gosta, em que lugar da casa fica a televisão, com quem vê televisão e a discussão do conteúdo dos desenhos, são as questões que norteiam as oficinas⁵.

Foram feitas 3 oficinas⁶ em duas escolas privadas, localizadas na zona sul do Rio de Janeiro. A primeira oficina, na escola A, constituiu-se de encontros com crianças de 1ª série do ensino fundamental, com 7 anos de idade completos. A segunda oficina, na escola B, foi feita com crianças da pré-escola, com 5 anos de idade. A terceira oficina foi realizada com crianças da escola B, da classe de alfabetização, com 6 anos completos. As oficinas consistiram de 4 encontros de quarenta minutos cada, com cada grupo de crianças. As atividades sofriam pequenas variações de um grupo para o outro, em virtude de diferentes interesses e o nível de atenção do grupo. Basicamente as atividades eram desenhar personagens de televisão, interpretar os personagens favoritos, assistir desenhos animados escolhidos pela pesquisadora, assistir a desenhos animados escolhidos pelas crianças, discutir o desenho assistido e brincar de entrevistar profissionais de mídia fictícios.

Durante as oficinas foram usados gravador e máquina fotográfica digital. O gravador, além de armazenar dados para a pesquisa, foi utilizado para que as crianças o manipulassem, gravassem e reconhecessem sua vozes e as dos amigos. Da mesma forma, a camera foi utilizada para que as crianças fotografassem seus pares e especialmente para que vissem suas próprias imagens na camera, posteriormente impressas em papel. As atividades lúdicas envolviam sempre imagens e sons, as possibilidades de reprodução destes, e os valores dessas imagens e sons trazidos para o cotidiano através da TV.

⁵ As oficinas estão detalhadas no capítulo 4 item 4.4

⁶ Durante todas as oficinas contamos com a colaboração de Fabiana Dantas Geraldi, aluna do curso de graduação em psicologia da PUC-RIO e membro do GIPS.

Após o trabalho de campo, iniciou-se uma nova etapa da pesquisa, onde a pesquisadora deixou de se relacionar, pessoalmente, com o outro criança passando para uma relação mais distante e impessoal, que é a relação com o material produzido durante as oficinas: texto, desenhos e fotografias. Como procedemos para que a análise deste material fosse feita seguindo o mesmo enfoque adotado durante o trabalho de campo? Como ouvir e respeitar as muitas vozes presentes neste material, sem cair na armadilha de esquecer ou ignorar que do outro lado existe um outro que produz o texto tanto quanto o pesquisador que o estuda? Fomos buscar respaldo teórico nos textos de Marília Amorim (1996), e concordamos com a pesquisadora que *“a situação de análise do material escrito constitui-se, ela própria, numa situação de produção de conhecimentos e não de pura transcrição de um conhecimento produzido anteriormente”*. (Amorim, 1996: mimeo).

A passagem da situação de campo à situação do texto deve ser realizada sem que a palavra do outro se perca. Esta passagem constitui-se em uma forma polifônica de análise: o outro tem aqui a função de interpelar o pesquisador. Esta intervenção do outro no texto e o reconhecimento de sua função de interpelar e questionar o pesquisador faz com que a subjetividade do pesquisador influencie no trabalho de pesquisa, não como uma subjetividade intimista ou pessoal, mas focada no objeto da pesquisa. Assim, esta abordagem polifônica da análise do material da pesquisa permite que o pesquisador dialogue com o texto e tenha sua palavra alterada pela presença do outro. A intenção ao se utilizar esta abordagem de análise do material é manter a mesma perspectiva dialógica que buscamos durante todo o trabalho de campo.